

o olhar urbano de Oscar Satio Oiwa

Angelo Bucci
2009

Durante as comemorações do ano novo chinês, em 2009, um célebre arranha céu ainda inacabado queimava em Beijing. Ao vivo, assistiam-se, em São Paulo, as imagens daquele incêndio. O impacto do episódio convocava à memória a imagem da tela *City from the Future*, pintada por Oscar Satio Oiwa no ano anterior em seu atelier em Nova Iorque. Naquele quadro, o mesmo edifício, CCTU Complex, estava intacto, concluído e fazia parte definitivamente da paisagem de Beijing.

City from the Future expõe aspectos do trabalho desse artista: traz notícias com as minúcias de um cartoon, traz urgências com as dimensões de um grafitti, constrói paisagens feitas de fragmentos como um mosaico e, ao mesmo tempo, extrai tais fragmentos do contexto urbano como uma colagem. Mas, ao mesmo tempo, ela não se restringe a nada disso e vai além, ela revela a vivência urbana informada e crítica que marca o conjunto notável da obra, metropolitana, do artista.

Essas três grandes cidades, casualmente vinculadas naquele evento, fazem parte do circuito habitual do artista. Hoje, Oscar Satio Oiwa fala com o mundo.

Mas quero, nesse depoimento, destacar um tempo e lugar anteriores: o período de consolidação do seu projeto artístico na Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, onde ingressamos em 1983. Foi naquele momento que se forjaram procedimentos que têm marcado o seu processo de trabalho, com vigor suficiente para perdurar amadurecendo no tempo; e a sua abordagem ampla, com validade bastante para expandir sucessivamente o seu campo de diálogo. Ali, Oscar realizou uma proeza então difícil e improvável: armou sua plataforma de lançamento.

Em 1983, São Paulo apresentava, sobretudo aos jovens, um contexto contraditório: havia, por um lado, uma esperança alicerçada na iminência de um processo de abertura política e, por outro, o desolamento de um cenário cultural devastado pelos anos de ditadura militar, 64 a 85. Ou seja, era, ao mesmo tempo, o aceno de uma possibilidade ainda difusa e a angústia da falta de precedentes culturais imediatos que permitissem desdobrar um projeto sólido. Ou ainda, era uma ânsia de lançar-se e a inexistência de uma plataforma confiável.

Era esse o cenário também a escola de arquitetura. Oscar, contudo, não se descobriu nela. Quando ele ingressou na escola, parecia já trazer consigo uma certeza, um propósito claro: ser artista. Essa clareza ficou impressa no edifício, e resiste ainda hoje, num mural de 22 m de comprimento que ele e um pequeno grupo de colegas sob a sua liderança pintaram na parede de um estúdio.

Ao mesmo tempo, e diferente do que se passa freqüentemente, aquela sua certeza não o fez impermeável ou avesso aos temas acadêmicos. Ao contrário, ele se municiava de um repertório arquitetônico e da consideração dos temas urbanos na escala tipicamente metropolitana de São Paulo para municiar, também com esses elementos, o seu arsenal artístico. Quero dizer, ali definitivamente ele somou ao seu projeto artístico a

abordagem do arquiteto que ele se tornou.

É daqui que eu gostaria de partir para identificar o que considero um ponto central dessa minha leitura periférica: as manifestações da sua abordagem de arquiteto nas suas obras de pintura.

Quando se visita o seu atelier em Nova Iorque, onde vive, o conjunto do que se vê nos trabalhos em andamento, ou eventualmente no acervo do artista, apresenta-se como uma coleção criteriosa de fragmentos de cidades. Eu não me refiro a um edifício ou outro, nem a recortes urbanos ou à retratação de cenas urbanas. O seu processo é distinto. Creio que ele remonte ao tempo de sua formação em São Paulo, uma metrópole cuja escala não se pode abarcar inteira e cujo sentido não se constitui senão por fragmentos para compor um todo que não resulta da soma das partes. Oscar se serve de um procedimento amadurecido no contexto paulistano e o utiliza para lançá-los em telas do mesmo modo que outros arquitetos o lançam em projetos. Para esse artista, a cidade é fonte e alvo da sua reflexão. Ela é ao mesmo tempo, o universo de possibilidades e sua única interlocução possível.

Assim, os fragmentos de cidade da coleção do artista são pura potência propositiva. Ou seja, eles foram estrategicamente retirados do seu arranjo ou contexto urbano como se o artista os quisesse libertar para dotá-los outra vez de potência propositiva. Assim, eles são potência no discurso do artista, que compõe com aqueles fragmentos novos fatos. Esses novos fatos, ele os lança em telas.

Esse primeiro procedimento, o fragmento potência para compor um novo fato, está demonstrado, de modo direto, como possibilidades no espaço em obras como Apartment, 2006, Holes, 2003, Post-modern architecture, 2003; Solar Eclipse, 2003; ou também, no tempo como em City from the Past, 2008 ou City from the Future, 2008.

Além disso, como decorrência desse primeiro procedimento, ele se habilita a lançar mão de outros recursos significativos, como as metáforas ou transposições de sentido. É o caso, por exemplo, de: Banana, 1984, em que a praça é tomada pela fruta cujo padrão de cores coincide com o que ocupou desordenadamente o seu espaço; Dog = 10 m³ air by day, 1994, em que um cachorro é tomado pelo volume de ar que consome; WWW.com, 2004, um mercado de países inteiros feitos, não de terras, mas de carne; ou de Asian Kitchen, 2008, com transposições de espaço, de tempo, de escala e de matéria.

Já há muito que o campo de diálogo de Oscar Satio Oiwa extrapolou os limites metropolitanos de São Paulo para ganhar o mundo. Nesse momento, de seu atelier em Nova Iorque ele prepara uma exposição na BTAP em Beijing com oito telas em grande dimensão.

Esse meu relato repassa rapidamente um pequeno trecho da sua trajetória que eu tive o privilégio de participar de perto, num primeiro momento, e, mais tarde, à distância.

Creio que os anos que ele passou na faculdade de arquitetura foram cruciais para o amadurecimento do seu processo de trabalho e da sua abordagem. Mas, como disse, isso é periférico. O ponto central do seu trabalho está, como não poderia deixar de ser, no ofício a que ele se dedica com admirável constância e domina como um mestre. É assim, na prática, que Oscar Satio Oiwa garante a regularidade e o alto nível da sua produção artística.

Vinte anos depois, hoje sei, com segurança, que a plataforma da qual Oscar se lançou era instável demais para que ele se lançasse com segurança. Apesar disso, ele se lançou com sucesso. O seu feito torna o percurso possível para outros que queiram segui-lo e, estou certo, haverá muitos.